

Memória ainda é preservada

Hoje, são cada vez mais raras na cidade as construções em madeira. Uma das poucas que remetem aos tempos de colonização é a primeira igreja da cidade, localizada na Metropolitana, uma espécie de bairro do Núcleo Bandeirante. Em más condições de uso, o prédio aguarda uma boa restauração e, por conta disso, as missas estão suspensas.

Outra construção desses tempos fica na Avenida Central: uma casa com mais de 40 anos, e que guarda muitas histórias. A residência que Antônio Elário, 65, ganhou de seu patrão em 1972, foi a primeira boate do DF. Na frente da moradia, já com as letras quase todas apagadas, está escrito *Toy Clube de Brasília*. Era, na época, a única diversão dos pioneiros.

"Se eu tivesse dinheiro não reformaria esta casa, construiria uma melhor", diz Antônio. "Gosto muito de morar aqui. Sou viúvo e criei toda minha família aqui. Como ganhei esta casa, não tenho a escritura. Estou resolvendo isso para pensar no que fazer".

O bar mais antigo da cidade mantém seu endereço e nome. A Cantina Alterosa fica na terceira avenida. Chegar ao bar pode ser uma pequena volta ao passado. Cadeiras, mesas, cardápio e alguns clientes lembram os bares de antigamente.

O aposentado José Pereira, 67, é um dos fregueses mais antigos. A cerveja que era tomada na cantina em outros tempos foi substituída pela água tônica. "Vim do Ceará para trabalhar aqui", relata. "Até hoje vivo no Núcleo Bandeirante e frequento sempre o mesmo bar. Aqui era só mato, terra, lama e bicho. Hoje está bem melhor".

MUSEU - A história da construção de Brasília e do Núcleo Bandeirante pode ser conferida de perto pelo público no Museu Vivo da Memória Candanga, montado onde foi o primeiro hospital da capital, o Juscelino Kubitschek de Oliveira ou Hospital do IAPI.

As salas, com fotos e objetos, estão montadas onde eram os ambulatórios, alojamentos dos médicos e outros setores do hospital. Também há reproduções de alguns estabelecimentos, como a barbearia frequentada pelo presidente Juscelino.

Na parede, a foto de Joaquim José de Oliveira, o barbeiro que tanto se orgulhava de ter JK como cliente. Joaquim, que já faleceu, sempre pedia para que o amigo João Cândido contasse a todos a sua participação na história da cidade.

Fatos interessantes ficaram eternizados nas imagens. As ruas do Núcleo Bandeirante eram cheias de viajantes que carregavam suas malas de um lado para o outro até conseguir um trabalho ou moradia. Uma das cenas comuns, contam os pioneiros, era a de imigrantes que dormiam dentro das próprias malas.